



**Evolucionismo social e diversidade cultural:
A história da humanidade através de um olhar etnocêntrico**

Bianca van Steen Mello Laurino

1º semestre/2020

Repertório didático

- 1 – Tema: Evolucionismo social e diversidade cultural
- 2 – Objetivos gerais: Discutir com os estudantes as principais ideias nas quais se baseia o pensamento do evolucionismo social, tendo como objetivo a reconstrução e desconstrução de seus argumentos, através de uma perspectiva crítica.
- 3 – Número de aulas necessárias: 6 aulas, divididas em dois blocos – pensando que as aulas de Sociologia são dadas uma vez por semana, ao longo de 50 minutos.
- 4 – Justificativa e importância do tema: O estudo do evolucionismo cultural e de suas críticas são conteúdos obrigatórios do currículo de Sociologia no Ensino Médio. Este debate marca historicamente o início dos estudos a respeito das sociedades humanas dentro da ciência ocidental, bem como o momento de fundação da própria Antropologia enquanto disciplina. Entre as noções que são discutidas, estão: a ideia de cultura, a noção de progresso, o relativismo cultural, o etnocentrismo, o racismo e as populações indígenas. Ou seja: temáticas antropológicas fundamentais, e que são de extrema importância para que os estudantes compreendam outras questões existentes no interior da Sociologia, assim como de outras matérias. Trata-se, também, de um conteúdo fundamental para que os alunos desconstruam ideias presentes no senso comum, que sustentam pensamentos e práticas racistas, sendo então um debate necessário de ser realizado dentro de uma sala de aula.
- 5 – Objetivos específicos: A partir da reconstrução de algumas das principais ideias do evolucionismo social, serão feitas críticas aos seus pressupostos estruturantes,

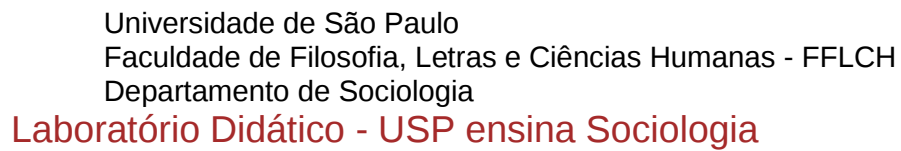


sugerindo uma leitura que parta do ponto de vista da diversidade cultural e do combate ao preconceito. Com isto, pretende-se discutir:

Bloco 1	Entendendo o evolucionismo cultural • o evolucionismo social – e sua distinção do evolucionismo biológico; • o colonialismo e os processos de dominação cultural; • a importância da perspectiva histórica para compreender as diferenças culturais; • os equívocos por trás da ideia de ‘progresso’ do evolucionismo social;
Bloco 2	Heranças evolucionistas: como desconstruí-las? • as noções de cultura e de civilização, diferenciando-as; • o preconceito, o racismo, o etnocentrismo e suas relações; • a importância do relativismo cultural e seus limites; • a diversidade cultural.

6 – Proposta de aulas e sugestão de recursos didáticos: Aqui serão apresentados alguns recursos didáticos (indicados por letras) que podem ser mobilizados ao longo das aulas sugeridas. É importante ressaltar que os temas presentes em cada um dos blocos estão, ainda que em diferentes medidas, presentes nas discussões a serem levantadas em todas as aulas. A ideia é que eles apareçam de alguma forma ao longo das discussões, mesmo que não seja necessário debatê-los conceitualmente o tempo todo. O uso dos materiais didáticos pode ficar comprometido de acordo com a infraestrutura disponível de cada escola em particular, principalmente no que diz respeito ao vídeo e ao mapa dinâmico. De todo modo, é possível pensar em formas de adaptar os debates propostos a outros materiais, se assim for necessário – ou mesmo, em casos mais extremos, puxar as discussões sem o uso de materiais de apoio.

Bloco 1 – Aula 1: A primeira aula consiste em uma apresentação mais expositiva, apesar de baseada em discussões, com o objetivo de introduzir o evolucionismo cultural aos alunos, mapear o que eles já sabem sobre o assunto e expor as principais ideias que foram desenvolvidas por esta corrente de pensamento, diferenciando-as do evolucionismo biológico. Para tal, pode-se começar falando brevemente da fundação da própria disciplina Antropologia e do encontro entre diferentes sociedades promovido pelo colonialismo a partir do século XV (consultar texto teórico).



SELVAGERIA **BARBÁRIE** **CIVILIZAÇÃO**

Esta imagem pode ser utilizada, a partir de um determinado momento da discussão, para ajudar o professor a expor aos alunos a forma como os antropólogos e outros pensadores evolucionistas pensavam e organizavam todas as sociedades do mundo, de acordo com os seus estágios evolucionários (como pode-se entender melhor a partir do texto teórico). É importante ressaltar a diferenciação entre o evolucionismo cultural e a teoria do evolucionismo biológico proposta por Charles Darwin, uma vez que esta é uma confusão muito comum. Para isso, é valioso saber se os alunos já estudaram, em Biologia, esta matéria, explicitando que a escala de progresso do evolucionismo social pouco tem a ver com a determinação da sobrevivência das espécies de acordo com a melhor adaptação ao ambiente – ainda que alguns autores defendessem as duas teorias, conjuntamente. Toda esta discussão pode ser feita com a sala inteira, sem ser necessário



dividi-la em grupos. Sobre o tema, há informações mais detalhadas ao longo do texto teórico.

Bloco 1 – Aula 2: Nesta aula, serão aprofundados temas debatidos na aula anterior, como o imperialismo, o colonialismo e a dominação cultural forçada pelos brancos. Isto será feito, principalmente, através de discussões suscitadas por quadrinhos e charges, que podem ser entregues individualmente aos alunos ou às duplas, ou expostos no quadro, para todos. A conversa pode ser iniciada a partir da retomada dos encontros entre diferentes culturas promovido pelo colonialismo europeu.

b) Discussões geradas a partir de charges e quadrinhos:



Charge do cartunista chileno Guillo.



Tirinha do cartunista brasileiro Mauricio de Souza.



Ambos os quadrinhos referem-se ao contato entre os europeus e as populações indígenas ao longo dos períodos imperialista e colonialista. É importante ressaltar, sobre este ponto, que os primeiros foram responsáveis pelo aniquilamento de muitas populações indígenas, causando um verdadeiro extermínio nas Américas.



Charge da cartunista brasileira Laerte.



Charge do cartunista brasileiro Angeli.



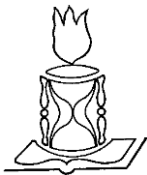
Tirinha do cartunista André Dahmer

As três peças humorísticas selecionadas acima retratam com ironia questões raciais presentes no Brasil contemporâneo, seja em relação ao racismo estrutural, seja em relação à xenofobia sofrida principalmente por populações nordestinas. É interessante, sobre este aspecto, tentar fazer com que os alunos falem um pouco de suas próprias experiências, ou de seus familiares, uma vez que muito provavelmente alguns estudantes se identificarão com as situações retratadas pelas charges e pelo quadrinho. Feito isso, é necessário relacionar estas problemáticas contemporâneas com os ideais evolucionistas, fazendo com que os alunos percebam suas continuidades.



Tirinha do cartunista argentino Quino.

Por fim, este último quadrinho retrata o preconceito de classe existente na sociedade, inclusive atualmente. Para que se discuta este tema dentro do contexto da matéria, é necessário apontar como raça e classe são aspectos intrinsecamente relacionados, em especial no Brasil, e que muitas vezes pensamentos preconceituosos misturam as duas dimensões. Todas estas discussões também podem ser feitas com a sala inteira.



Bloco 1 – Aula 3: Após serem feitas as discussões das duas aulas iniciais, que além de terem introduzido aos alunos as principais temáticas do evolucionismo cultural, também desenvolveram a capacidade de perceber como alguns de seus pressupostos ainda fazem parte do senso comum atual, principalmente em relação as populações indígenas e africanas, a última aula do bloco servirá para sistematizar os conteúdos já trabalhados. Retomando os pontos discutidos, a ideia é que se esquematizem os principais argumentos evolucionistas, bem como se fale sobre de seus principais autores: Morgan, Frazer e Tylor (consultar texto teórico).

c) Tabela de sistematização de apoio, de acordo com a classificação de Morgan:

Período	Fase	Características
Selvageria	Período inicial, Status inferior	Da infância da raça humana até o começo do próximo período
	Período intermediário, Status intermediário	Da aquisição de uma dieta de subsistência a base de peixes e de um conhecimento do uso do fogo até o começo do próximo período
	Período final, Status superior	Da invenção do arco-e-flecha até o começo do próximo período
Barbárie	Período inicial, Status inferior	Da invenção da arte da cerâmica até o começo do próximo período
	Período intermediário, Status intermediário	Da domesticação de animais no hemisfério oriental e, no ocidental, do cultivo irrigado de milho e plantas, com o uso de tijolos de adobe e pedras, até o começo do próximo período



	Período final, Status superior	Da invenção do processo de fundir minério de ferro, com o uso de ferramentas de ferro, até o começo do próximo período
		Da invenção do alfabeto fonético, com o uso da escrita, até o tempo presente.
Civilização	Civilização	
Adaptado de: CASTRO, Celso (org.). <i>Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 60.		

(Fonte: <https://teianeuronial.com/evolucionismo-cultural/>, acesso em 05/06/2019)

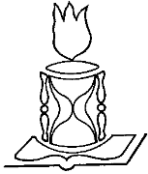
A partir da tabela acima e das informações contidas no texto teórico sobre o tema, sem que seja necessário decorar exatamente a marcação de cada período e suas divisões, a intenção é que os alunos sistematizem o conteúdo da matéria, compreendendo que os autores evolucionistas dividiam e classificavam as populações existentes no mundo a partir de uma escala de “progresso” por eles criada, em que os povos que estivessem mais próximos da ‘natureza’ eram considerados “inferiores”, e os que tivessem seus hábitos e técnicas mais próximos do que caracterizavam como “cultura” eram considerados “superiores”, acompanhando a imagem abaixo:



(Fonte: <https://ensaiosnotas.com/2015/12/15/evolucionismo-cultural-correntes-antropologicas-doseculo-xix/>, acesso em 05/06/2019)

Bloco 2 – Aula 1: Nesta aula, a noção de “cultura” será trabalhada com mais profundidade e atenção, como algo dinâmico, que está sempre em transformação – ideia que contraria o pensamento evolucionista. Para tanto, será iniciada uma discussão a partir das impressões dos próprios alunos a respeito do vídeo:

d) “#Menos Preconceito Mais Índio”, campanha publicitária da Instituto



Socioambiental (1min30seg), lançada em 2017

Link para o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=uuzTSTmIaUc&t=11s>

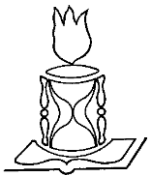
O vídeo selecionado expõe a ideia de que, assim como os povos identificados como ocidentais, europeus, americanos... e assim por diante, os povos indígenas – neste caso, brasileiros – também mudaram e mudam suas práticas e características ao longo do tempo, não se mantendo estagnados e idênticos ao que eram anos atrás. É interessante discutir com os alunos, sobre este aspecto, a ideia de identidade cultural, como ela se relaciona com raça/etnia, e como ela se aplica aos indígenas.

e) A discussão terá continuidade através da análise e da comparação de imagens:



Guarani-Kaiowá, Mato Grosso do Sul, em Brasília, 2015.

Fonte: <https://www.greenme.com.br/informar-se/biodiversidade/940-guarani-kaiowa-vao-ao-df-pordireitos-e-reconhecimento>



Grupo de rap 'Brô MC's', formado por indígenas guarani-kaiowá das aldeias Jaguapirú e Bororó, 2017. Fonte: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/02/16/Quem-s%C3%A3o-os-Br%C3%B4-MCs-primeiro-grupo-de-rap-ind%C3%ADgena-do-Brasil>



Portugueses com trajes tradicionais da região de Minho, século XX; e Cristiano Ronaldo e namorada, atualmente.



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

Fontes: <https://bloguedominho.blogs.sapo.pt/834124.html> e
<http://www.purepeople.com.br/noticia/namorada-de-cristiano-ronaldo>



Concurso de Miss e Mister Indígena e Dourados (MS), 2013.

Fonte: <http://www.folhadedourados.com.br/noticias/dourados/dourados-realiza-dia-12-o-4-miss-emister-indigena>



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia



Vila olímpica da Aldeia Bororó, Mato Grosso do Sul, inaugurada em 2011.

Fonte: <http://www.radiocoracao.org/noticias/primeira-vila-olimpica-indigena-do-brasil-e-de-dourados>





Grupo de carnaval 'As marrequinhas', Rio de Janeiro, 1913. Foto: Augusto Malta.

Fonte: <http://www.eliomar.com.br/rio-antigo-toda-sexta-79/>



'Bloco das Piranhas', carnaval de Nova Friburgo (RJ), 2018.

Fonte: <https://avozdaserra.com.br/noticias/definida-ordem-dos-desfiles-do-carnaval-2018>

A ideia por trás da seleção de imagens e que se discuta, em diferentes contextos, a ideia de transformação dentro de culturas distintas. O que determina uma cultura, ou não? É possível perder cultura? A partir destas duas questões norteadoras, a intenção é que o debate em sala de aula caminhe no sentido de perceber que todas as culturas se alteram, inclusive a nossa própria, e que nem por isso elas se descaracterizam por completo, uma vez que identidade não tem a ver só com aparência. Nossos hábitos e gostos mudam e nem por isso nós deixamos de ser brasileiros, por exemplo. Os europeus mudaram suas vestimentas ao longo da história. Por que motivo os indígenas também não podem mudar as suas? Esta discussão pode acontecer com a sala toda.

Bloco 2 – Aula 2: Dando prosseguimento às temáticas selecionadas para o bloco 2, a aula de número dois tem o intuito de pensar, junto aos/às estudantes, a ideia de 'relativismo cultural' e sua importância diante da sociedade contemporânea, levando



em conta a diversidade cultural existente, em especial no Brasil. Para isso, haverá a leitura conjunta, em sala de aula, de um texto:

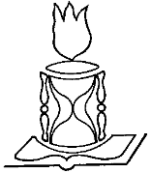
f) “Ritos corporais entre os Nacirema”, de Horace Miner (1976)

Link para o texto:

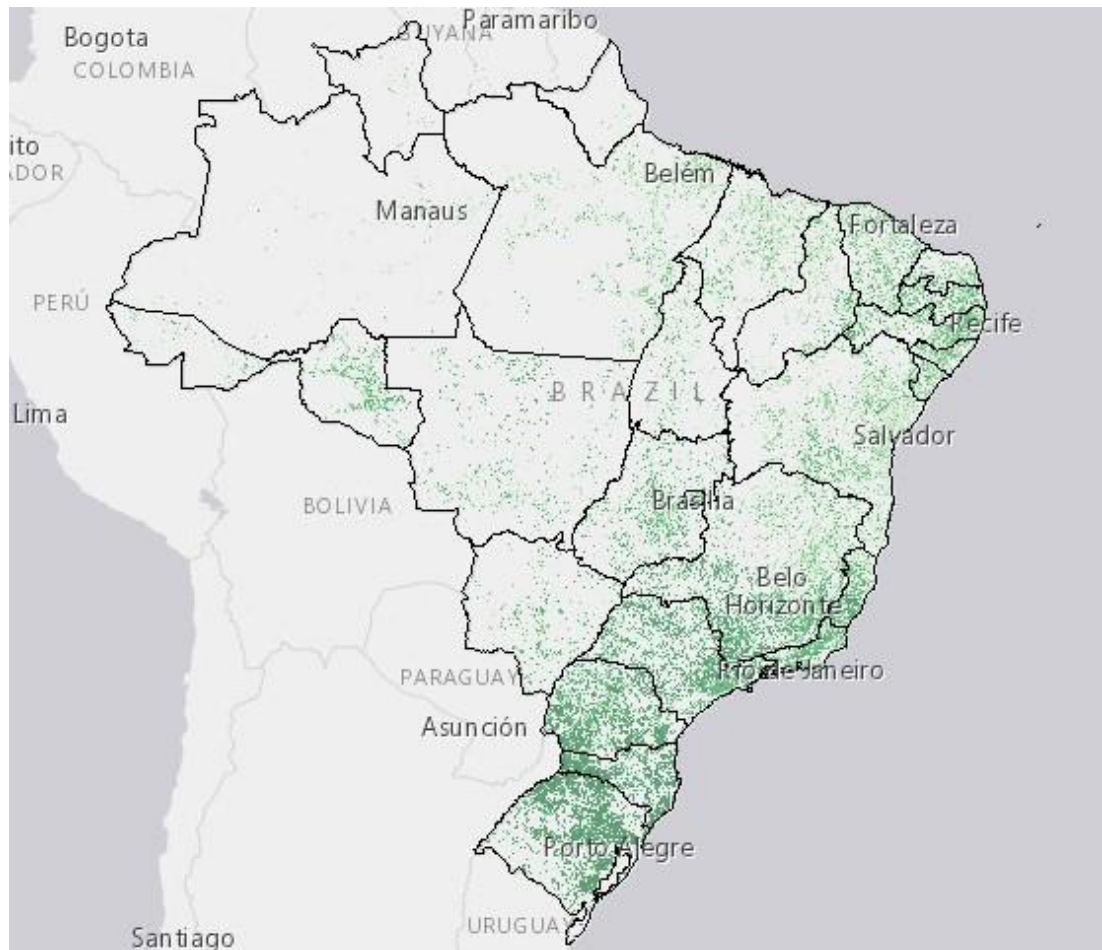
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/364413/mod_resource/content/0/Nacirema.pdf \

O texto escrito por Miner, por meio de uma brincadeira, faz o leitor acreditar que ele está lendo um relato sobre um povo com hábitos bastante distintos, que provavelmente vive isolado e longe das cidades. No entanto, em um determinado momento, descobre-se que na verdade o autor está falando sobre aspectos muito presentes em nossa própria cultura, como escovar os dentes na pia com pasta de dente, e descreve os ‘americanos’ – com o nome invertido “Nacirema” (*american*, em inglês). Este texto, além de curto e divertido, é uma boa base para levantar debates a respeito da própria prática antropológica de descrição de outras culturas, além do estranhamento que costumamos ter em relação a práticas desconhecidas, mas que quando passam a serem familiares, ganham outro caráter, o de normalidade. O que é familiar para alguns é estranho para outros, e vice-versa, e isto não faz nenhuma cultura melhor ou pior, como defendiam os evolucionistas sociais; e está é a ideia por trás do conceito de ‘relativismo social’. A leitura do texto pode ser feita coletivamente, com a sala toda, ou individualmente/em duplas, abrindo depois para uma discussão com a sala toda.

Bloco 2 – Aula 3: Como última sessão referente à temática do evolucionismo social dentro dos estudos de Ciências Sociais, esta aula tem por intuito retomar alguns dos principais conceitos trabalhados ao longo das outras cinco aulas, e aprofundá-los a partir de alguns dados estatísticos da realidade brasileira atual. Para isso, a discussão pode se iniciar a partir das percepções dos próprios alunos a respeito da composição cultural e etnicorracial da população brasileira, podendo começar inclusive a respeito da própria sala, e deve ganhar continuidade através da análise de mapas elaborados pelo IBGE nos levantamentos do Censo de 2010. A ideia é que, por meio dos dados, discuta-se também racismo e discriminação no contexto brasileiro.



g) Mapas do IBGE:



População autodeclarada branca

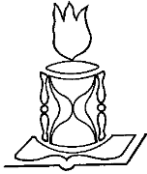


População autodeclarada preta e parda

A ideia é que a comparação dos dois mapas, feita em sala de aula com todos os alunos em conjunto, sirva para levantar impressões sobre a distribuição racial do país, como por exemplo se é possível afirmar que alguma região possui mais população branca ou mais população preta e parda, da mesma forma que a região amazônica é muito menos povoada (aspecto que será melhor entendido depois da análise do terceiro mapa, a seguir). Este exercício é bom, ainda, para desenvolver habilidades de leitura e compreensão dos alunos em relação a mapas.

h) Mapa dinâmico sobre a presença da população indígena brasileira:

<https://indigenas.ibge.gov.br/mapas-indigenas-2>



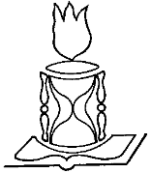
Por fim, este último mapa traz informações sobre a população indígena brasileira e compara a população total com a urbana e a rural, bem como traz dados dos Censos de 1991, 2000 e 2010. Com isto, poderá se pensar se a população indígena brasileira cresceu, e quais são as razões desse fenômeno.

7 – Sugestão de avaliação: Ao final das seis aulas sugeridas, além dos exercícios que podem ser propostos como lição de casa para cada aula (livro didático e/ou de exercícios adotado por cada escola), será requisitado que os alunos escrevam, em casa, uma redação elaborada a partir da escolha de um dos três temas a seguir, cuja nota vai compor os critérios avaliativos da disciplina no semestre:

1. Discuta o conceito de “cultura” e explique por que as culturas não podem ser consideradas estáticas, dando ao menos um exemplo para ilustrar o argumento.
2. Explique quais foram as principais ideias do evolucionismo cultural e por que elas são equivocadas do ponto de vista da diversidade cultural.
3. Discuta a presença das culturas negras e indígenas atualmente no Brasil e explique por que os índios e os negros não podem ser considerados “inferiores” a outros seres humanos.

Sugestão de correção e respostas esperadas:

1. Nesta questão, espera-se que o aluno consiga argumentar que cultura é algo que está sempre em transformação, assumindo novas formas, hábitos, tradições e costumes. Isto acontece por diferentes motivos, como por exemplo o contato com outras culturas e o passar do próprio tempo. Atinge completamente os objetivos da questão quem citar que não é correto afirmar que um grupo “perdeu” sua cultura (ao menos que ele próprio tenha sido exterminado), mas sim que ela se alterou. Qualquer exemplo mobilizado neste sentido é válido.
2. Nesta questão, espera-se que o aluno traga, ainda que brevemente, a ideia central do evolucionismo cultural, ou seja, de que todas as sociedades do mundo podem ser organizadas de acordo com o seu estágio evolucionário, sendo que algumas eram consideradas mais evoluídas que outras. Atinge completamente os objetivos da questão quem utilizar o conceito de etnocentrismo para defender críticas ao evolucionismo.



3. Nesta questão, espera-se que o aluno fale sobre a composição da população brasileira, marcada pela forte presença de negros, índios e mestiços, e que se oponha à ideia de que determinados grupos podem ser melhores que outros, seja pelos seus pensamentos ou por suas características físicas. Atinge completamente os objetivos da questão quem explicar que este pensamento é o princípio fundamental do evolucionismo, como discutido ao longo do semestre.

8 – Bibliografia:

MACHADO, Igor; AMORIM, Henrique; ROCHA DE BARROS, Celso. 2016.
“Unidade 1 – Cultura”, IN: *Sociologia Hoje: Ensino Médio*, São Paulo, Editora Ática, 2ª edição.

MINER, Horace. “Rituais corporais entre os Nacirema”. IN: *You and the Others*. Org. ROONEY, A. K.; e VORE, P. L. de Erlich, Cambridge, 1976.